



CULTURA PROFISSIONAL

FAÇAMOS PROGREDIR A ARTILHARIA

Pelo Coronel T.O. TEE

De "Combat Forces". Tradução do Comandante GONZALO DE BENITO SOLA, na revista "Ejército".

Traduzido, data vénia, e condensado pelos Majoress CESAR GOMES DAS NEVES e HERACLIDES DE ARAUJO NELSON.

Nestes dias de progresso científico e industrial, não é a nossa Artilharia de Campanha algo primitiva? Por que até agora não a fizeram progredir a ciência e a indústria dos Estados Unidos?



Nós, os americanos, pretendemos ter a melhor Artilharia de Campanha do mundo. Porém, por vários motivos, esta é uma ingênua presunção. Julgamos que as únicas obrigações de nossa Artilharia de Campanha são causar baixas ao inimigo e ajudar a Infantaria e Forças Blindadas a fazer o mesmo. O dever do artilheiro americano de "apoiar a Infantaria" é um postulado de nosso Exército.

A filosofia diretriz de nossa Artilharia, indiscutivelmente, deixa pouco a desejar. Temos boas peças. Acreditamos que os nossos canhões e obuses de Campanha são

tão bons como os de qualquer país e nossos veículos e escalões de munição, melhores do que os de outros Exércitos. Nenhum outro Exército possui material de observação capaz de competir com o nosso. O sistema de transmissões da nossa Artilharia de Campanha é melhor do que o utilizado pelo Exército de várias nações.

Tudo isso poderia impressionar, se a imagem não estivesse, em parte, fora de foco. É evidente que a Artilharia de Campanha permaneceu, em todo o mundo, retardada em relação ao progresso científico, inclusive na era atual — atômica. Surge a pergunta: Não poderá o maior desenvolvimento científico industrial do mundo fa-

zer nada superior a uma artilharia hipomóvel ligeiramente melhorada? Uma Bateria ou Grupo de nossa Artilharia pode perfeitamente atuar melhor que os de outro Exército qualquer. Porém a eficiência no tiro é somente uma parte do problema. Estamos atualmente atravessando uma fase em que a atuação brilhante de nossa Artilharia se deve à excelência profissional; porém, poderá ser totalmente empanada pela inferioridade numérica. Não é suficiente para a Artilharia americana ser mais rápida e mais flexível que a de nosso inimigo quando — como é agora o caso — sua Infantaria, Artilharia e Forças Blindadas podem envolver as nossas com esmagadora massa. Para evitar esta possibilidade, devemos procurar desenvolver, desde agora, a maior "potência de fogo" da Artilharia.

Para que esta afirmação não possa ser interpretada como despreço ao comportamento exemplar da Artilharia dos Estados Unidos na Coréia, começaremos rendendo homenagem aos artilheiros que frequentemente tem elevado o nome de nossas Forças naquele desditoso país. A verdade é que a Artilharia poderá fazer muito mais com uma potência de fogo maior.

• • •

Não estamos sugerindo a mudança radical na proporção geralmente aceita de Artilharia e Infantaria. Nossa experiência de guerra, nossas escolas e os Chefes responsáveis em Washington tem estabelecido adequadas proporções de força entre as armas combatentes. Sem dúvida, todo combatente ficaria mais satisfeito se visse, no campo de batalha, maior número de peças de Artilharia do que o atual. Que melhor arma defensiva podemos ter, se a Europa Ocidental fôr atingida pela guerra? As normas atuais sobre o emprego de canhões antiaéreos, tanques e peças de Infantaria, como Artilharia secundária, são magníficas; porém, serão por acaso suficientes? Ainda que as forças aéreas tati-

cas sejam empregadas em massa — o Ocidente não tem esta supremacia —, não haverá ali, nunca, bastante Artilharia.

Não podemos obter mais Artilharia por processos mágicos, mas quiçá possamos utilizar algo que nos pareça maravilhoso. A Artilharia necessita da ajuda da ciência e indústria americana.

O gênio industrial e científico da Nação já se está orientando no sentido de melhorar a Artilharia, que deseja empregar projéteis dirigidos. Quanto mais forem as armas deste tipo, maior será o progresso no campo do poder destruidor, que é o objetivo da Artilharia. Os projéteis dirigidos, como se apresentam atualmente, não suplantam os fogos de apoio direto da Artilharia de Campanha Leve e Média, fogos que constituem parte integrante da batalha da Infantaria-Blindada-Aviacão Tática.

Não há o que objetar à nossa atual Artilharia, a não ser que se torne mais mortífera. Em uma época em que o progresso é surpreendente, a Artilharia apresenta-se estacionária. Não houve progresso apreciável da Artilharia de Campanha, desde o princípio do século, e assim continuará, se não houver ajuda do Exército. Temos progredido sobre os primitivos canhões e obuses franceses e alemães, mas não temos produzido nada de novo (exceto a espoleta VT, cuja utilização está prevista para a Marinha).

Notamos certo recuo diante de novas perspectivas. Por exemplo, a "artilharia-foguete" constitui um meio fácil e econômico de se obter maior potência de fogo, apesar de sua relativa falta de precisão. Embora os russos disponham de numerosos Grupos de "artilharia-foguete", nós ainda discutimos o valor deste tipo de Artilharia. Isto não constitui uma defesa especial dos foguetes, mas não se poderá negar que desempenham seu papel com simplicidade.

Julgamos possuir a Artilharia de melhor qualidade. Porém o que desejamos é uma maior quantidade de bocas de fogo, para nos

tornarmos possuidores de um poder destruidor superior ao de nosso adversário. Devemos, com os nossos recursos econômicos, poder industrial e conhecimentos científicos, lutar com a finalidade de aumentar a potência de fogo de nossa artilharia.

* * *

Quais as partes da Artilharia que necessitam de ajuda científica e industrial? Diríamos, imediatamente, os meios de locomoção, comunicação e tiro. Certamente, daqueles que produziram o B-36, a bomba atômica, a televisão e o cérebro mecânico, necessitamos de auxílio para nossa Artilharia. Muito esperamos do seu patriotismo e de seus conhecimentos. Será sempre necessário para o soldado fazer instrução e dirigir a batalha, porém não se pode esperar dele que obtenha pelos seus próprios recursos o que necessita para o combate. E para obtenção de uma Artilharia mais poderosa não nos deteremos.

Pois bem; julgando necessário o progresso da Artilharia, o que devemos fazer para conseguir-lo? Nossa primeira idéia foi focalizar o assunto no sentido de encarregar a indústria de proporcionar melhores condições, fazendo o melhor tipo de Artilharia, do mesmo modo como já conseguiu em outros setores. Mas o problema tem necessidades distintas e não comporta uma solução tão simples.

O problema deverá ser estudado em detalhes. Esta é uma missão própria do meio científico militar e não somente do setor industrial. Somente depois de tal exame podemos encontrar uma boa resposta. Portanto, antes de fazer qualquer contrato de construção, devemos estar bem seguros de nossas pretensões. Felizmente, não partiremos do nada. A crescente interdependência dos elementos militares e científicos de nossa segurança nacional nos oferece amplas perspectivas. As diversas juntas de pesquisa e produção, o Grupo de Cálculo de Sistemas de Ar-

mamento, as Juntas de Campanha do Exército, que já alcançaram, nestes últimos anos, um alto grau de progresso, reuniram muitas partes do conhecimento científico militar com o objetivo de conseguir melhor armamento.

Entre eles, nenhum é mais importante do que os Centros que trabalham e analisam cientificamente os problemas dos materiais a fabricar. No Ministério do Exército está a oficina de trabalhos de pesquisa chamada O.R.O. (Operation Research Office). Por ali é que deverão começar as investigações para a modernização de nossa Artilharia. Conjuntamente com os excelentes técnicos e táticos do Exército, todos os aspectos fundamentais para o aumento do poder destruidor e da eficiência da Artilharia devem ser propostos por um grupo científico.

* * *

A investigação, a nosso ver, deverá começar pelos objetivos. O que a Artilharia deverá bater? O Laboratório de Pesquisas deverá estudar as espécies de alvos mais comuns, e dos arquivos e da experiência coreana extrair os dados para determinar a frequência com que uns e outros surgem, bem como sua relativa importância.

Depois, o que se necessita para a destruição destes diferentes alvos? E, finalmente, que espécie de armas, munições, serventes, instrumentos, viaturas, necessárias a este fim?

Quem sabe, se neste momento, os que estiverem fazendo o estudo possam deter-se em um exame da Artilharia que temos agora, para determinar, desde o princípio, o que deverá ser feito no período de experimentação, até que os novos tipos estejam em condições de serem utilizados e concluir sobre o que deverá ser conservado do antigo material e sistemas, sem prejuízo do desenvolvimento dos novos e mais eficientes materiais e métodos.

Este é precisamente o sistema de trabalho para o qual está pre-

parado o Laboratório de Pesquisas que, sem dúvida, já se encontra trabalhando com tal propósito, em alto grau. Igualmente, as Oficinas de Produção, dentro do Exército, vem prestando considerável atenção sobre o assunto. O natural segredo sobre todos os projetos, na fase de investigação e desenvolvimento, torna difícil compreender o estado atual dos trabalhos realizados.

Porém, admitindo-se que a modernização da Artilharia esteja sendo objeto de atenção pelas Oficinas de Investigação, devemos acelerar tais esforços. A presente necessidade de uma maior potência de fogo exige um progresso mais rápido. Este trabalho exige agora maior urgência. Com o devido respeito pelo que se está fazendo nesse particular, sentimos a necessidade de um esforço maior. Há razão de sobra para julgar que os técnicos de nossos próprios Exércitos, suas Oficinas de Investigação e Desenvolvimento e alguns Centros de Investigação Industrial podem (com Laboratórios de Pesquisas. O.R.O., como elemento catalizador) encontrar uma solução em um tempo assombrosamente curto.

Evitamos deliberadamente entrar em pormenores, porque a própria moderação é conveniente. Não é um segredo militar que o artilheiro pode visar em vão, através de muitos anos, para encontrar alguma melhoria importante para a eficiência de sua própria arma. Pequenos aperfeiçoamentos, grande abundância deles, mas nada substancial. O progresso da Artilharia tem sido completamente desprezado na luta para obtenção de maiores e melhores bombas atômicas e maior eficiência da Marinha e Aviação.

Indo um pouco mais além, não seria surpreendente que desde a 2ª Guerra Mundial houvesse sido empregado mais dinheiro e esforços em mudar os sistemas de anotar as folhas de serviço dos Oficiais do que desenvolver a Artilharia de Campanha. Seria instrutivo comparar o dinheiro gasto em

melhorar novas rações de combate com o empregado em melhorar a colocação de espoletas ou projetar um sistema de carga automática para a Artilharia. E as energias empregadas desde 1945 em investigar sobre o fardamento e uniformes de campanha, face aos dedicados em aumentar, por exemplo, a eficiência da munição de Artilharia contra pessoal? Quantas energias e dinheiro temos empregado em informações e educação nas tropas, em vez de procurara um sistema de observação de tiro automático que necessite menor número de homens e simplifique a instrução?

Não é que as demais coisas necessitem menos atenção, porém há algo que interessa mais ao Exército do que a potência de fogo? Em um Exército, as primeiras coisas devem realmente ser colocadas na frente. Sem dúvida, dispomos do melhor método humano e mecânico — desde o observador à central de tiro e as peças — capazes de proporcionar um fogo preciso de Artilharia. Porém os meses de cuidadosa instrução de observadores de Artilharia, pessoal de direção de tiro e serventes de peças, impostos pelo método atual, são um grande obstáculo para se dispor, em tempo, de uma decisiva quantidade de Artilharia. E ainda os artilheiros melhor instruídos mantêm uma enorme luta contra o erro humano, que está incluído no sistema. A Artilharia de Costa e Antiaérea mantém, desde alguns anos, máquinas mecânicas e elétricas que observam os alvos móveis, prevêm seus movimentos nas três dimensões, calculam elementos para o tiro e disparam os canhões. Porque, então, a Artilharia de Campanha não possui nada semelhante? Não há uma resposta adequada para esta pergunta.

Se se levasse a termo um projeto de investigação para resolver este problema específico da direção de tiro, poderia ser dada uma solução prática à indústria para uma produção em curto prazo, e

talvez em poucos meses. As próprias direções de tiro, calculadores e direções de peças da Artilharia Antiaérea do Exército já são um ponto de partida. Dando aparelhos similares à Artilharia de Campanha, o Exército poderia economizar homens e tempo de instrução, e aumentar a quantidade e eficiência da Artilharia disponível.

Poderíamos citar muitos exemplos dos melhoramentos necessários, porém não são oportunos no momento. O "estatuto quo" da Artilharia ou de outra Arma qualquer deve ser capaz de justificar-se a si mesmo. A menos que nós, os soldados, tiremos proveito imediato da dinâmica capacidade de nossa organização científica e industrial, estamos destinados a ser objeto de críticas. Devemos desejar intensamente melhorar nossa potência militar.

A Artilharia é um campo fértil para a realização desse aperfeiçoamento. Temos o dever de observar cuidadosamente nossos canhões e foguetes; nossa munição, veículos, sistemas e aparelhos de observação e de direção de tiro; equipamentos de transmissões e transporte aéreo. São estes em seu estado atual, dignos da Artilharia da nação mais poderosa da terra? Podemos, com a ajuda da ciência e industrial, que são o orgulho nacional, fazer mais para evitar o presente perigo?

Em resumo, a Artilharia de Campanha merece ser modernizada.

Podemos estar influenciados por nossa limitada experiência e conhecimentos. Não estamos qualificados para desbaratar nossos go-

niômetros de pontaria, granadas de alto explosivo, caminhões de 2.2 toneladas ou obuses de 105 mm. Não podemos dizer isto com autoridade.

Porém julgamos que haja quem nos possa oferecer grandes melhorias. Estamos convencidos, pelo que os Chefes do Exército têm dito e pelo que a ciência e a indústria têm feito até agora com as armas modernas e equipamentos, que o Exército está disposto a dar um grande impulso para conseguir a modernização da Artilharia.

Se as armas americanas, com nossos aliados, hão de deter ou repelir novas agressões, devemos ter maior potência de fogo por homem e "dólar" do que nossas atuais armas e equipamentos nos podem proporcionar.

Isto poderá parecer ilusão. Pedimos ao poderoso sentimento comum americano que diga aos nossos cientistas, investigadores, engenheiros e técnicos em produção civil: "Nossas armas e equipamentos de Artilharia são bons, muito bons; porém devemos dizer que podemos aumentar nossa potência de fogo e diminuir nosso esforço humano. Há pontos que esperam aperfeiçoamentos e, portanto, pedimos vossa ajuda".

A Artilharia de Campanha e o Exército têm muito que ganhar e nada a perder, procurando modernizar-se. A falta do melhor possível poderá significar a derrota para a nossa nação. A Oficina de Investigação do Exército (O.R.O.) está à nossa disposição, bem como a nossa indústria. O que estamos esperando?

